



Amor compassivo e suas relações com a religiosidade e a espiritualidade

Compassionate love and its relations with religiosity and spirituality

MARTA HELENA DE FREITAS ^a

FÉLIX NETO ^b

Resumo

Este trabalho apresenta, inicialmente, como o amor compassivo tem sido conceituado na literatura, apontando sua especificidade em relação aos demais tipos de amor. Em seguida, discorre acerca das relações entre amor compassivo, religiosidade e espiritualidade, ilustrando com resultados de algumas pesquisas desenvolvidas nos contextos brasileiro e português.

Palavras-chave: Amor. Amor compassivo. Espiritualidade. Religiosidade.

Abstract

This paper presents, initially, as the compassionate love has been conceptualized in literature, pointing its specificity when compared to other kinds of love. Then it describes the relationships between compassionate love, religion and spirituality, illustrating results of some researches in Brazilian and Portuguese contexts.

Keywords: Love. Compassionate love. Spirituality. Religiosity.

^aUniversidade Católica de Brasília (UCB). Doutora em Psicologia Clínica e da Cultura, e-mail: mhelenadefreitas@gmail.com

^bUniversidade do Porto (UP), Porto, Portugal. Doutor em Psicologia Intercultural, e-mail: fneto@fpce.up.pt

Introdução

O amor compassivo (AC) é identificado como um dos principais tipos de amor nos relacionamentos (BERSCHEID, 2006). Constituem exemplos clássicos deste tipo de amor as ações de grandes ícones humanitários, como Albert Schweitzer e Madre Teresa. Ou, mais próximos de nós, no Brasil, Irmã Dulce e Chico Xavier, ambos indicados ao Prêmio Nobel da Paz. Mas nem sempre os atos de AC estão necessariamente remetidos ao contexto religioso. Em Portugal, por exemplo, destaca-se a iniciativa do farmacêutico João Almiro, que, aos 89 anos, abdicou de tudo para acolher os aflitos de toda ordem: assassinos, pedófilos, prostitutas, alcoólicos, toxicodependentes, crianças, velhos, deficientes e dementes.

Mesmo que nem sempre atos de AC estejam explicitamente ligados ao contexto religioso, muitas pessoas, especialmente em contextos culturais onde predomina o Cristianismo, estão expostas, desde tenra idade, às orientações religiosas nesta direção, e.g., às descrições do Cristo curando leprosos e coxos e à parábola do Bom Samaritano. Vários fundadores de outras religiões, tais como Moamede e Buda, mostraram compaixão pelos doentes e exortaram seus seguidores a servirem os enfermos e desvalidos. Nas mais diversas culturas de nosso planeta, o apreço pela compaixão em relação à pessoa doente tende a ser um valor universal.

Muitos outros termos gravitam na órbita do AC, tais como “ágape”, “amor altruísta”, “amor ilimitado”, “amor puro”, “amor sacrificial”, “amor verdadeiro” e “sensibilidade comunal”. Apesar do AC ter sido apreendido em religiões e em inúmeras obras literárias desde séculos, só mais recentemente cientistas sociais têm se debruçado sobre este tipo de amor. Somente na última década o AC, distinto do amor apaixonado e do amor companheiro (BERSCHEID, 2006), tornou-se alvo de investigação (FEHR, SPRECHER, e UNDERWOOD, 2009), mas constituindo, ainda, terreno pouco explorado nas ciências humanas e sociais.

Este trabalho pretende contribuir na direção de divulgar a literatura científica já existente sobre o tema, considerando-se sua grande relevância social e decorrências para ações solidárias e humanitárias significativas na

contemporaneidade. Descreveremos como estudiosos do assunto entendem o AC para depois discutirmos suas possíveis relações com a RE.

Amor compassivo na concepção de estudiosos

Para Underwood (2009, p. 4), AC corresponde a “atitudes e ações relacionadas com o dar de si próprio para o bem do outro”. Esta definição aplica-se a uma diversidade de alvos, uns conhecidos, outros desconhecidos. Ela contempla certo número de características deste tipo de amor: livre escolha, certo grau de compreensão cognitiva da situação, dos outros e de si próprio; valorização do outro a um nível fundamental; abertura e receptividade; e uma resposta do “coração” (UNDERWOOD, 2002). Esse conjunto de características permite distinguir o AC de outros constructos conexos, tais como altruísmo e compaixão. O autor defende que o AC é mais abrangente do ponto de vista conceptual que o altruísmo. Enquanto a ação altruísta pode ser resultado de um hábito ou de uma inclinação natural, “um verdadeiro amor compassivo envolve mais cognição, mais liberdade e mais escolha explícita do que implicaria o simples altruísmo” (UNDERWOOD, 2009, p. 5). Também o termo “compaixão” por si mesmo não é sinônimo de AC, pois pode revestir-se de abrangência mais limitada. A compaixão focaliza-se na resposta direta ao sofrimento da outra pessoa e pode implicar desvinculação. Já o AC envolve certo número de ações que promovem florescimento do outro e não se limita só a cuidar dos que sofrem.

Underwood (2002) esboçou um modelo operacional que leva em conta os antecedentes, os fatores motivacionais e as consequências do AC. Entre os antecedentes são apontadas variáveis que se situam no nível individual e no nível contextual. Um exemplo de diferenças individuais é que, para pessoas extrovertidas, pode ser mais fácil manifestar o AC em relação a um desconhecido do que para pessoas introvertidas. Um outro componente do modelo inclui a motivação (“centrada no bem do outro”) e o discernimento (“compreender algo do outro que possa ser apropriado para aumentar verdadeiramente o bem-estar do outro”), que constituem partes integrantes do momento da escolha (UNDERWOOD, 2009, p. 7). Motivação e

discernimento levam a que “o amor compassivo se expresse totalmente”, o que por sua vez leva a palavras e ações apropriadas de “comportamento positivo” (UNDERWOOD, 2002, p. 76). Sua focalização no bem do outro leva a que, no último componente do modelo, a pessoa expresse o AC.

Especialistas e autores oriundos de diversas disciplinas avançaram outras definições do AC. Schacham-Dupont (2003) reuniu dezenove definições, tendo examinado até que ponto há semelhanças e diferenças entre elas. Sobressai nesta coletânea a diversidade, não só sobre o que é o AC, como também sobre os seus elementos. A conceptualização de Underwood (2009) inspirou outros cientistas sociais, como por exemplo Sprecher e Fehr (2005, p. 630), que o consideram “uma atitude para com os outros, próximos ou desconhecidos, ou para toda a humanidade; contendo sentimentos, cognições e comportamentos que são evidenciados por cuidado, preocupação, interesse, ternura e uma orientação para apoiar, cuidar, compreender a outra pessoa, muito especialmente quando este for percebido como estando em estado de sofrimento ou de necessidade”. Assim, o AC pode ser vivenciado em relação ao parceiro romântico, à família, aos amigos, a laços periféricos e a toda a humanidade, envolvendo sentimentos de respeito mútuo, confiança e carinho. Já o amor romântico envolveria afetos intensos e atração sexual.

Influenciados por Underwood (2002), Sprecher e Fehr (2005), distinguem o AC do amor altruísta ou da compaixão, relacionando-o a uma realidade fundamentalmente inefável que implica investimento mais profundo do que no altruísmo, sendo uma livre escolha para com os outros. Refere ainda que, ao se empregar só o termo compaixão, perde-se alguns dos componentes que a palavra amor acarreta. Em seus trabalhos, Underwood (2002) também distingue o conceito de AC do conceito de empatia, na medida em que o primeiro tender a ser mais abrangente e mais estável. O AC envolve ternura, importância e outros aspetos da empatia, mas também envolve predisposição comportamental para o sacrifício. A empatia é, portanto, um constructo que se relaciona com o AC, sendo também perspectivado como fator primacial da promoção do comportamento pró-social para com outros (DAVIS, 1996). Segundo Sprecher e Fehr (2005), o AC constitui estado mais duradouro e abrangente, podendo contribuir para emergência de um comportamento pró-

social, que inclui voluntarismo e apoio social orientado para os outros, mesmo que desconhecidos, promovendo o bem-estar das pessoas em geral.

Através de uma análise qualitativa, Sabey, Rauer e Haselschwerdt (2016) estudaram os componentes comportamentais no relacionamento de 63 casais idosos, tendo identificado 11 domínios comportamentais, dentre eles o cuidado com a saúde física e bem-estar e a ajuda nas tarefas domésticas. Os exemplos apontados variavam na sua grandeza, indo desde comportamentos que consumiam muito tempo e energia (e.g., ir visitar outro país) a outros muito rápidos e passando como sendo quase imperceptíveis (e.g., mudar uma lâmpada). Para além disso, os casais enfatizavam com frequência atos relacionados com os desafios do aumento da idade. Para os autores deste estudo, tais resultados “contribuem para a conceptualização global do amor compassivo” (SABEY et al., 2016, p. 662), favorecendo compreender tanto as suas especificidades e aspectos como também a sua amplitude e alcance.

Já há décadas que a redução dos preconceitos se inscreve entre os objetivos da Psicologia Social (ALLPORT, 1954). Muito dessa investigação tem sido efetuado com o intuito de diminuir a negatividade (e.g., conflitos e tensões) entre membros de diferentes grupos sociais. Recentemente houve uma chamada de atenção para se ir além do objetivo da “mera tolerância” dos exogrupos, promovendo relações positivas intergrupais (TROPP; MALLETT, 2011). Neste sentido, Sinclair et al. (2016) testaram a ideia de que o AC constituiu avenida para se promover atitudes e intenções comportamentais mais positivas em relação aos imigrantes. Num conjunto de estudos os autores mostraram que o AC estava associado não só a níveis mais baixos de preconceitos em relação a diversos exogrupos, como também a intenções comportamentais positivas em relação aos imigrantes. Em suma, tais estudos contribuem para um campo de investigação relativamente novo sobre “veredas para relações intergrupais positivas” (TROPP; MALLETT, 2011).

A falta de acordo sobre uma definição do AC, por parte dos peritos no assunto, sugere que ele pode não se restringir a uma definição clássica, em que os conceitos se definem tendo em conta os atributos necessários e suficientes. Assim sendo, o AC pode ser melhor compreendido enquanto um conceito protótipo, cujo termo advém da teoria do protótipo avançada por Rosch

(1973), a qual inspirou a análise diversos outros conceitos, e.g., saúde (NETO; MULLET, 2014) e amor (FEHR, 1988).

Seis estudos sobre as concepções que as pessoas leigas têm do AC foram conduzidos por Fehr e Sprecher (2009). No primeiro estudo foi pedido aos participantes para indicarem as características do AC. Foram referidas 62 características por mais de um participante, deixando transparecer que as pessoas comuns têm uma compreensão multifacetada do conceito. As respostas abarcavam cognições, sentimentos e emoções, motivações e comportamento. A característica “cuidado” foi a mais frequentemente mencionada, seguida por confiança, ajuda, compreensão e querer passar o tempo com o outro.

No segundo estudo, avaliaram-se as características do AC tendo em conta a sua prototypicalidade, isto é, até que ponto cada característica era considerada representativa do constructo. As características que obtiveram avaliações prototípicas mais elevadas foram: confiança, honestidade, cuidado, compreensão e apoio, as quais são também centrais para o próprio conceito de amor (FEHR, 1988). São, pois, estas características que apreendem o sentido do AC nas mentes das pessoas comuns. As características que obtiveram avaliações prototípicas mais baixas foram: fazer algo pelo outro, colocar o outro à frente de si próprio, fazer sacrifícios pelo outro. Estas características foram consideradas como fazendo parte do conceito, mas ao nível periférico, se bem que sejam proeminentes nas definições dos peritos. Estes resultados refletem que, para as pessoas em geral, o AC é, em primeiro lugar, uma espécie de amor. Já as características periféricas especificam que este tipo de amor envolve o dar de si próprio para o bem do outro. Esta estrutura prototípica foi confirmada nos outros estudos em que se recorreu a uma variedade de métodos.

Os estudos de Fehr e Sprecher (2009) indicam que as pessoas comuns dispõem de amplo conhecimento do conceito do AC. Os resultados estão em consonância com a perspectiva de que o AC organiza-se como um conceito prototípico, aparecendo algumas características consideradas mais representativas do AC que outras. Hoje em dia já se dispõe de algumas medidas do AC, desconhecendo-se, no entanto, até que ponto elas convergem na medida do constructo. Segundo Underwood (2002), existem características

individuais suscetíveis de incentivar a expressão do AC. Examinaremos a seguir suas possíveis relações com a RE.

Relação entre amor compassivo, religiosidade e espiritualidade

Concebe-se a religiosidade como vivência que expõe o ser humano para além dos confins da experiência material e fenomênica, impulsionada por uma atitude de esperança, busca e atribuição de sentido à sua existência (ALETTI, 2014). A espiritualidade está na base desta vivência, concebida então como a própria impulsão à busca de sentido, e assim situada no âmbito das próprias perguntas existenciais (FREITAS, 2017). A religião, por sua vez, estaria situada no âmbito das possíveis respostas encontradas para esta busca, compartilhadas sob a forma de sistema e doutrina formulada culturalmente (FREITAS, 2017). Este modelo conceitual permite identificar conexões e distinções entre RE e religião, favorecendo o estudo das suas possíveis relações com o AC.

Conforme aponta Underwood (2009, p. 3), deve-se reconhecer que, efetivamente, a focalização no “amor que se centra no bem do outro” atravessa as principais religiões do mundo, constituindo-se característica nuclear em muitas tradições religiosas. Sabe-se que Cristianismo, o Islão, o Hinduísmo e o Budismo enfatizam atitudes e comportamentos compassivos (STEFFEN; MASTERS, 2005). O Cristianismo, em seus diversos matizes, ensina que as pessoas devem amar os outros como amam a si próprios e ajudar os que estão em necessidade. Um dos cinco pilares do Islão é Zakat, isto é, partilha da riqueza, sendo perspectivado como ajuda aos necessitados e aos pobres bem como o bem-estar espiritual do dador. Os conceitos hindus de *karma* e *dharma* acentuam o comportamento altruísta. *Karma*, a lei da causa e do efeito, desenvolve-se pelo cuidado dos pobres e pela procura do bem para os outros. *Dharma*, viver a vida segundo o que é certo, acentua o fazer bem a si próprio, à família e aos outros. O Budismo enfatiza amor e compaixão pelos outros e aprender a ver com olhar de compaixão (STEFFEN; MASTERS, 2005). Segundo Argyle (2000, p. 194) “é uma parte central do Cristianismo e de outras

religiões cuidar dos pobres, dos fracos, dos doentes e dos párias sociais, mostrar amor, caridade e compaixão para com eles”.

Tendo em conta que o AC é incentivado em muitas religiões, poder-se-ia esperar que ele estivesse positivamente correlacionado com religiosidade e espiritualidade. Esta hipótese encontrou apoio empírico por meio do recurso a várias medidas, tais como frequência da igreja, autoavaliações de religiosidade e de espiritualidade (SPRECHER; FEHR, 2005). As pessoas que evidenciaram mais AC para com os outros próximos e para com a humanidade eram as que frequentavam mais os serviços religiosos, identificavam-se mais como sendo religiosos e/ou espirituais e obtiveram pontuação mais alta na Escala Espiritual Diária (EAC). As correlações foram mais elevadas para a versão da EAC em relação a desconhecidos/humanidade do que para a versão da EAC em relação aos que são próximos. Geralmente, quando se apela a que as pessoas sejam benevolentes e compassivas com os outros nas pregações religiosas, os outros são descritos como sendo desconhecidos ou desvalidos. Pense-se, por exemplo, na parábola do Bom Samaritano. Está-se, porventura, diante uma das razões porque existe ligação mais forte entre RE e AC quando o alvo são pessoas desconhecidas ou toda a humanidade.

O Cristianismo ainda domina o meio social no Brasil e em Portugal, muito embora, em ambos os países, se tenha evidenciado, nas últimas décadas, tanto uma maior diversificação, como também uma diminuição das práticas religiosas, em especial nas cidades (FREITAS; ZANETTI; PEREIRA, 2016). Numa amostra constituída por pessoas idosas portuguesas (NETO; MENEZES, 2014) examinou-se a relação entre duas das versões da EAC e uma medida de religiosidade, a escala de atitudes em relação ao Cristianismo que foi originalmente desenvolvida por Francis (1987) e por Francis e Stubbs (1987). Esta escala foca unicamente a percepção das pessoas sobre a religião cristã. Referências a Jesus, à Bíblia e ao ato rezar/orar são usadas para medir o interesse pela religião. Essa escala foi previamente adaptada para a população portuguesa (FERREIRA; NETO, 2002). Verificou-se que, quanto mais os participantes evidenciaram AC em relação a outros próximos e em relação à humanidade, mais elevado era o nível de religiosidade expresso. Neste trabalho também se encontrou associação significativa entre AC em relação aos outros próximos e em relação à humanidade e outros constructos pró-

sociais, perdão incondicional e gratidão. Para além da atitude em relação ao Cristianismo, também se examinou o efeito do envolvimento religioso. Os crentes praticantes apresentaram índices de AC mais elevados em relação aos outros próximos e em relação à humanidade que os crentes não praticantes.

Num estudo com estudantes universitários portugueses (NETO, 2012), verificou-se também efeito significativo do envolvimento religioso no AC em relação ao parceiro romântico. Crentes praticantes obtiveram pontuação mais elevada em AC que não crentes. Tendo em conta que o amor é importante para pessoas de todas as idades e não só para jovens adultos, realizou-se outro estudo com 614 participantes, com idades oscilando entre 26 e 90 anos (NETO; WILKS, 2017). Quase três quartos da mostra (73%) declarou ser crente e 27% não crente. O efeito da religião também se revelou significativo sobre o AC em relação a um parceiro. Pessoas que se declararam crentes revelaram maior pontuação em AC que as não crentes.

Ao analisar dados do *U.S. General Social Survey* recolhidos em 2002 e 2004, Smith (2009) investigaram as correlações entre várias medidas religiosas com dois índices de AC: amor altruísta (medido com uma versão breve da escala de amor agápico de Hendrick e Hendrick (1986) e comportamentos altruístas (e.g., ajudar os outros em trabalho de casa, dar dinheiro a obras de caridade e dar sangue). Neste trabalho, amor altruísta e comportamentos altruístas não apresentaram variações em função da identificação religiosa. No entanto, estas duas variáveis estavam positivamente correlacionadas com envolvimento religioso. A correlação mais forte foi a que se encontrou com um item que avaliou o tempo passado a rezar. Amor altruísta e comportamentos altruístas correlacionaram-se significativamente também com vivências espirituais diárias avaliadas por meio da Escala de Vivências Espirituais Diárias (UNDERWOOD; TERESI, 2002).

Investigações de cariz mais qualitativo apontam que é a espiritualidade, mais que a religião em si mesma, que está associada ao AC. Assim, Graber e Mitcham (2009) examinaram como se expressa o AC nos hospitais em clínicos, tais como médicos, enfermeiros e terapeutas. A amostra foi constituída por 24 pessoas escolhidas por colegas que as indicaram como sendo exemplarmente compreensivas nas suas interações com os doentes. Recorreu-se à entrevista semiestruturada com dez questões averiguando, por exemplo, suas práticas

espirituais ou religiosas e até que ponto suas crenças religiosas ou espirituais podiam influenciar suas interações com os doentes. Toda a amostra, exceto uma pessoa, revelou ter fortes crenças ou vivências relacionadas com um poder mais alto. Nesta amostra específica foi evidenciada uma orientação espiritual forte e vivências espirituais diárias como sendo características dos clínicos compassivos. Isto está em consonância com estudos qualitativos realizados no Brasil, com profissionais de saúde que atuam em contexto hospitalar e de atenção à saúde mental (FREITAS, 1991; FREITAS, 2020), onde se observou que, em geral, eles associam o AC a pessoas mais espiritualizadas.

Na Índia, Choudhary e Madnawat (2017) examinaram a relação entre espiritualidade, medida através da Escala da Vivência Espiritual Quotidiana de Underwood e Teresi (2002) e o AC numa amostra constituída por psiquiatras e trabalhadores sociais no campo psiquiátrico. Os resultados mostraram que a espiritualidade foi um preditor significativo e positivo do AC nesta população.

Kremer e colaboradores (2014) examinaram a relação de dar e receber AC e auto-AC com enfrentamento espiritual (*spiritual coping*), isto é, o uso da espiritualidade (ligação a uma presença superior ou deus) como meio de confronto com traumas. Globalmente, a pontuação média em relação ao AC em relação a si próprio foi a mais alta, seguida de dar e receber AC. Tendo em conta a hipótese do estudo, verificou-se haver associação entre os três componentes do AC (outros próximos em geral, um outro próximo específico e desconhecido ou toda a humanidade) e o confronto espiritual.

Sabey, Rauer e Jensen (2014) utilizaram modelos de interdependência ator-parceiro para analisar a relação entre cognição espiritual, isto é, qualidades sagradas do casamento, e satisfação conjugal para determinar-se se essa relação era mediatizada pelo AC. Os resultados apontaram que qualidades sagradas do casamento mais elevadas por parte das esposas estavam positiva e significativamente associadas à satisfação conjugal por parte de ambos os cônjuges. Estas associações estavam parcialmente mediatizadas pelo AC dos casais. Os autores concluíram que esta investigação “proporciona evidência preliminar de que uma razão para a santificação do casamento poder beneficiar uma relação conjugal pode ser porque está relacionada com as disposições compassivas de um cônjuge em relação ao outro” (SABEY et al. 2014, p. 600).

De um modo geral, ainda que trabalhando com construtos diferentes, estes resultados estão em consonância com o que foi encontrado por Santos e colaboradores (2012), quando investigaram a relação entre valores e compromisso religioso. Estes autores encontraram uma correlação positiva entre ambos no que se refere aos valores sociais e interativos, mas negativos no que se refere aos valores de orientação pessoal. Ou seja, parece que a religiosidade, de algum modo, favorece mais a relação com o outro.

Finalmente, faremos referência ao impacto de um programa espiritual de intervenção no AC e em constructos conexos. Oman, Thoresen e Hedberg (2010) avaliaram os efeitos de uma intervenção ao longo de oito semanas junto de médicos, enfermeiros, capelães e outros profissionais de saúde no AC e noutros constructos relacionados. Os participantes foram treinados num programa de meditação não sectária, e que pode ser utilizada tanto no âmbito das principais tradições religiosas como fora delas. Os participantes foram aleatoriamente distribuídos pelo grupo de intervenção e pelo grupo em lista de espera. Os efeitos da intervenção foram avaliados no pós-teste, oito e dezanove semanas depois. Os resultados mostraram efeito favorável da intervenção sobre o AC. Os ganhos foram um pouco maiores para as pessoas com níveis mais baixos de espiritualidade no começo do programa. Os ganhos no AC acompanharam-se de mudanças favoráveis também noutros constructos conexos, tais como comportamento altruísta, empatia e perdão. Os ganhos no AC mediatizaram melhoramentos na eficácia do cuidado. A meditação espiritual contribui para aumentar o AC entre profissionais de saúde, o que, por sua vez, melhora a eficácia do cuidado. Este estudo deixa, pois, entrever que esta intervenção por meio do recurso à meditação pode aumentar o AC, sendo benéfico tanto para a própria pessoa como para a sociedade em geral.

Em suma, entre as características da pessoa compassiva, investigações a evidencia como sendo susceptível de estar orientada espiritualmente.

Considerações finais

Este artigo pretendeu esboçar um cenário, embora incompleto, de investigação recente sobre um tópico florescente nas ciências humanas e sociais, o AC. Se há muitos séculos que o AC tem sido alvo de abordagens religiosas e filosóficas, para as ciências sociais e da saúde – e, mais especificamente, para a psicologia - ainda constitui um tópico relativamente novo. Trata-se de constructo complexo e ainda há muito trabalho conceptual e empírico carecendo de ser efetuado. Contudo, depois que estudos americanos e europeus buscaram restituir à alma sua posição dinâmico-estrutural na psique (PAIVA, 2002), parece-nos oportuno investir nesta direção, considerando que assuntos do coração são, do ponto de vista existencial, tão ou mais relevantes que os da mente lógica e racional.

As investigações disponíveis convergem em apontar que a religiosidade e a espiritualidade estão entrelaçadas com o AC. Entretanto, há ainda longo caminho a percorrer para se conhecer melhor a natureza deste entrelaçamento. Que este breve esboço incentive mais investigações ajudando a compreender como nosso mundo pode tornar-se lugar mais humano e acolhedor via o amor centrado no bem dos outros.

Referências

- ALETTI, M. A psicologia diante da religião e da espiritualidade: questões de conteúdo e de método. In: FREITAS, M. H.; PAIVA, G. J. (Eds.) *Religiosidade e cultura contemporânea: desafios para a psicologia*. Brasília: Universa, 2014. p. 157-190
- ALLPORT, G. W. *The nature of prejudice*. Reading, MA: Addison-Wesley, 1954.
- ARGYLE, M. *Psychology and religion: An introduction*. London: Routledge, 2000.
- BERSCHIED, E. Searching for the meaning of “love”. In: STERNBERG, R. J.; WEIS, K. (Eds.). *The new psychology of love*. New Haven: Yale University Press, 2006. p. 171-183.
- CHOUDHARY, T.; MADNAWAT, A. Spirituality and compassionate love in psychiatrists and psychiatric social workers. *Indian Journal of Positive Psychology*, Indian Association of Psychology, Hisar, v. 8, n. 1, p. 79-82, 2017.
- DAVIS, M. H. *Empathy: A social psychological approach*. Boulder: Westview, 1996.

FEHR, B. Prototype analysis of the concepts of love and commitment. *Journal of Personality and Social Psychology*, Washington, v. 55, n. 4, p. 557-579, 1988.

FEHR, B.; SPRECHER, S. Prototype analysis of compassionate love. *Personal Relationships*, Hoboken, v. 16, n. 3, p. 343-364, 2009.

FEHR, B.; SPRECHER, S.; UNDERWOOD, G. (Eds.). *The science of compassionate love: Theory, research, and applications*. Malden: Blackwell, 2009.

FERREIRA, A.; E NETO, F. Psychometric properties of the Francis Scale of attitude towards Christianity among Portuguese University students. *Psychological Reports*, Thousand Oaks, v. 91, n. 3, p. 995-998, 2002.

FRANCIS, L. J. Measuring attitudes towards Christianity among 12-18 year old pupils in Catholic schools. *Educational Research*, Milton Park, v. 29, n. 3, p. 230-233, 1987.

FRANCIS, L. J.; STUBBS, M. T. Measuring attitudes towards Christianity: From childhood into adulthood. *Personality and Individual Differences*, Londres, v. 8, n. 5, p. 741-743, 1987.

FREITAS, M. H. *A (de)negação da morte no contexto hospitalar: um estudo teórico-clínico*. 1991. 299f. Orientador: Francisco Martins. Dissertação (Mestrado em Psicologia) — Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, Brasília, 1991.

FREITAS, M. H. Religiosity, spirituality and wellbeing in the perceptions of Brazilian health and mental health professionals. In: SCHMIDT, B.; LEONARDI, J. *Spirituality and wellbeing: Interdisciplinary approaches to the studies of religious experience and health*. Londres, Reino Unido: Equinox, 2020. p. 199-224.

FREITAS, M. H. Psicologia religiosa, psicologia da religião / espiritualidade, ou psicologia e religião / espiritualidade? *Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba, v. 9. n. 1, p. 89-107, 2017.

FREITAS, M. H.; ZANETI, N. B; PEREIRA, S. H. N. (Eds). *Psicologia, religião e espiritualidade*. Curitiba: Juruá Editora, 2016.

GRABER, D. R.; MITCHAM, M. D. Compassionate clinicians: Exemplary care in hospital settings. In: FEHR, B.; SPRECHER, S.; UNDERWOOD, L. (Eds.). *The science of compassionate love: Theory, research, and applications*. Malden: Blackwell, 2009. p. 345-372.

HENDRICK, C.; HENDRICK, S. A theory and method of love. *Journal of Personality and Social Psychology*, Washington, v. 50, n. 2, p. 392-402, 1986.

KREMER, H.; IRONSON, G., DEUGD, N.; MANGRA, M. The Association between compassionate love and spiritual coping with trauma in men and women living with HIV. *Religions*, Basel, v. 5, n. 4, p. 1050-1061, 2014.

NETO, F. Compassionate love for a romantic partner, love styles and subjective well-being. *Interpersona: An International Journal on Personal Relationships*, Trier, 6, n 1, p. 23-39, 2012.

NETO, F.; WILKS, D. Compassionate love for a romantic partner across the adult life span. *Europe's Journal of Psychology*, Bucarest, v. 13, n. 4, p. 606-617, 2017.

NETO, F.; MULLET, E. A prototype analysis of the Portuguese concept of saudade. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, Thousand Oaks, v. 45, n. 4, p. 660-670, 2014.

NETO, F.; MENEZES, A. P. Psychometric properties of the Portuguese Version of the Compassionate Love for Close Others and Humanity Scale among older people. *Educational Gerontology*, Milton Park, v. 40, n. 6, p. 458-467, 2014.

OMAN, D.; THORESEN, C. E.; HEDBERG, J. Does passage meditation foster compassionate love among health professionals? A randomized trial. *Mental Health, Religion & Culture*, Milton Park, v. 13, n. 2, p. 129-154, 2010.

PAIVA, G. J. Perder e Recuperar a Alma: Tendências Recentes na Psicologia Social da Religião Norte-Americana e Europeia. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 18, n. 2, p. 173-178, 2002.

ROSCH, E. On the internal structure of perceptual and semantic categories. In T. E. Moore (Ed.), *Cognitive development and the acquisition of language*. New York: Academic Press, 1973. p. 111-144

SABEY, A.; RAUER, A.; JENSEN, J. Compassionate love as a mechanism linking sacred qualities of a marriage to older couple's marital satisfaction. *Journal of Family Psychology*, Washington, v. 28, n. 5, p. 594-603, 2014.

SABEY, A.; RAUER, A.; HASELSCHWERDT, M. L. "It's not just words coming from the mouth": The nature of compassionate love among older couples. *Journal of Social and Personal Relationships*, Thousand Oaks, v. 33, n. 5, p. 640-665, 2016.

SANTOS, W. S.; et al. A Influência dos Valores Humanos no Compromisso Religioso. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 28, n. 3, p. 285-292, 2012.

SCHACHAM-DUPONT, S. Compassion and love in relationships: Can they coexist? *Relationship Research News*, Louisville, v. 2, p. 13-15, 2003.

SMITH, T. W. Living and caring in the United States: Trends and correlates of empathy, altruism, and related constructs. In: FEHR, B.; SPRECHER, S.; UNDERWOOD, L. (Eds.), *The science of compassionate love: Theory, research, and applications*. Malden: Blackwell, 2009. p. 81-120.

SPRECHER, S.; FEHR, B. Compassionate love for close and humanity. *Journal of Social and Personal Relationships*, Thousand Oaks, v. 22, n. 5, p. 629-651, 2005.

STEFFEN, P.; MASTERS, K. Does compassion mediate the intrinsic religion-health relationship? *Annals of Behavioral Medicine*, Oxford, v. 30, p. 217-224, 2005.

UNDERWOOD, G. Compassionate love: A framework for research. In: FEHR, B.; SPRECHER, S.; UNDERWOOD, L. (Eds.), *The science of compassionate love: Theory, research, and applications*. Malden: Blackwell, 2009. p. 3-25.

UNDERWOOD, L. G. The human experience of compassionate love: Conceptual mapping and data from selected studies. In: POST, S. G.; et al. (Eds.), *Altruism and altruistic love: Science, philosophy, and religion in dialogue*. New York: Oxford University Press, 2002. p. 72-88.

UNDERWOOD, L. G.; TERESI, J. A. The Daily Spiritual Experience Scale: Development, theoretical description, reliability, exploratory factor analysis, and preliminary construct validity using health-related data. *Annals of Behavioral Medicine*, Oxford, v. 24, n. 1, p. 22-33, 2002.

SINCLAIR, L.; FEHR, B.; WANG, W.; REGEHR, E. The relation between compassionate love and prejudice: The mediating role of inclusion of out-group members in the self. *Social Psychol. and Personality Science*, Washington, v. 7, n. 2, p. 176-183, 2016.

TROPP, L. R.; MALLETT, R. K. *Moving beyond prejudice reduction: Positive pathways to intergroup relations*. Washington: APA Press, 2011.

RECEBIDO: 18/05/2020
APROVADO: 13/05/2021

RECEIVED: 05/18/2020
APPROVED: 05/13/2021